

---

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

**VLACH, Vania. - "Geografia em debate". Belo Horizonte, Editora Lê, 1991, 104 pgs.**

*José William Vesentini*

Neste sucinto livro escrito em linguagem bastante acessível, Vania Vlach aborda temas ligados ao ensino de Geografia e às transformações recentes ocorridas no espaço geográfico mundial. Trata-se de uma obra oportuna, destinada preferencialmente a Professores de Geografia para 1º e 2º graus e também a estudantes de Geografia, que reúne inúmeros textos apresentados em comunicações e mesas redondas, alguns dos quais já publicados em revistas ou anais de relativamente difícil acesso.

Na medida em que se trata de uma antologia de ensaios variados, os capítulos não se encadeiam rigidamente, como etapas de uma estrutura única, e sim constituem escritos que possuem, cada um, lógica própria e independente dos demais e, assim, podem ser lidos separada e autonomamente. Os assuntos abordados vão desde o livro didático até a derrocada do muro de Berlim, passando pela ideologia patriótica da Geografia escolar e por pertinentes observações a respeito do capitalismo, socialismo e Terceiro Mundo.

O grande mérito deste trabalho é a abertura para novas idéias e formas de pensamento. Há uma utilização de autores da denominada Escola de Frankfurt (Adorno, Benjamin e Habermas) e até mesmo de intelectuais às vezes considerados pós-modernos ou então pós-marxistas (Lefort, Castoriadis, Foucault), o que é extremamente salutar frente ao movimento de renovação da Geografia brasileira, onde, com frequência, se abusa do marxismo-leninismo com seus piores chavões e explicações estereotipadas.

Não há aqui nenhum "discurso verdadeiro" ou "dialético" (naquela acepção cientificista de essência oposta à mistificação) para servir de contraponto ao "discurso do avesso" daqueles que não pensam como nós. Não há aqui a verdade já pronta e sistematizada para servir de parâmetro de avaliação da produção geográfica, seja tradicional ou renovada. Há, isso sim, um esforço de compreensão do real a partir da reflexão sobre o empírico. Citemos um exemplo: num ensaio a respeito do tema história do pensamento geográfico, a autora evita a utilização de procedimentos usuais e simplistas (tais como comparar a Geografia clássica com o mar-

**BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - Nº 70**

xismo, taxando-a a partir daí de positivista; usar argumentos de Marx, Lukács ou Lenin como "verdades sagradas" que iluminam uma época e servem para "explicar" ou rotular autores e obras significativas na produção geográfica, etc.), e busca inserir a oficialização desse discurso no movimento de escolarização da sociedade na Prússia, uma ótica singular e profícua.

Enfim, é um livro que merece ser divulgado. A nosso ver, ele é representativo de uma nova tendência da Geografia Crítica (com toda sua pluralidade) no Brasil. Uma tendência que se esforça por renovar a Geografia escolar e o discurso acadêmico sobre a mesma a partir da familiaridade sobre práticas educativas efetivas, do diálogo Universidade versus Professores de 1º e 2º graus; sem cair, nem no espontaneísmo ingênuo (a prática isenta de qualquer teoria) e nem no viés mais comum, o teorismo autoritário (o ensino médio e elementar como mero reproduzidor de idéias elaboradas ou na Universidade ou por "teóricos revolucionários"). Ou, nas palavras da autora: *"Na medida em que o professor se assume como sujeito de seu próprio trabalho na sala de aula, em que propicia condições para o aluno torná-lo co-produtor de conhecimento, o pedagógico e o político saem fortalecidos em uma prática que em nenhum momento separou-se de uma teoria..."*